

JN  
137-87

# REACÇÕES CURIOSAS

Grandemente curiosas as reacções produzidas nos nossos leitores pelos artigos que aqui vamos escrevendo! Nós temos apenas em vista atear um pouco mais entre os homens aquela fome e sede de justiça que deve devorar toda a alma sinceramente cristã. E que não perdemos de todo o nosso tempo demonstram-no as cartas que recebemos, (de protesto umas, de aplauso outras) sempre que invocamos a justiça em prol de um ou outro ponto de vista.

Foi o caso do nosso último artigo. A uns que não sabiam que defendíamos a justiça para todos, aquele nosso comentário à situação criada à indústria de moagem, causou espanto, pois se tinham convencido de que só eramos capazes de defender os operários. A outros, que nos têm apoiado sempre, aquela defesa dos industriais, quase chegou a revoltar. E assim, enquanto nos vieram louvar os primeiros, os segundos repreenderam-nos, alegando termos sido iludidos na nossa boa-fé. Gostaríamos de responder a uns e outros, mas é impossível fazê-lo... porque se escondem no anonimato. Por isso vai aqui a resposta a todos.

Não há trabalho sem capital, nem capital sem trabalho. Se não houver capital, não pode o trabalho produzir hoje nada que jeito tenha. Se não houver trabalho, o capital não serve para nada, nem sequer poderá existir, porque ele é fruto do trabalho.

Este princípio tão comezinho de economia devia, levar-nos logo à conclusão de que o trabalho e o capital têm de associar-se, colaborar, e nunca degladiar-se. Mas isso, sim!

Os capitalistas sabem perfeitamente que nada podem, nem nada ganham sem o trabalho. Mas em vez de procurarem a colaboração leal e franca, entendem que o dinheiro lhes dá todos os direitos, só cedendo ao trabalho aquilo que ele vai arrancando ou pela organização ou pela violência ou pela força do Estado.

Por sua vez, o trabalho, habituado a esta luta, não quer compreender que o capitalista pode ser ou pode vir a ser o seu maior amigo e colaborador, preferindo suprimi-lo a entender-se com ele. Durante muito tempo, supôs-se que o Estado poderia resolver a contenda, apropriando-se ele de todas as propriedades industriais, mas as experiências realizadas lá fora não deram sempre aqueles resultados que se esperavam, pelo que a solução tem-se um tanto desacreditado mesmo junto dos operários. Ainda resta, como a melhor, a solução do entendimento mútuo e da mútua colaboração.

Interessa-nos defender os operários das injustas expoições do capital e de defender o capital das situações insustentáveis que lhe sejam criadas, pelo trabalho ou pelo Estado, a fim de tornar possível o máximo de utilidade para todos.

temos muitas vezes escrito que não pedimos que os ricos sejam menos ricos para que os pobres sejam menos pobres. Parece-nos isto uma teoria simplista, incapaz de solucionar os gravíssimos problemas económicos que estão na base de todo o progresso material. Seria muito mais interessante criar riqueza nova que permitisse em poucas gerações suprimir a pobreza, sem necessidade de cortar a possibilidade de se armazenarem os capitais necessários para a montagem das novas indústrias. Ora isto só é possível uma vez que o capital encontre a sua justa recompensa, e o trabalho participe abundantemente duma justa remuneração. Não será isto muito mais interessante do que reduzir tudo ao proletariado (teoricamente, é claro) ou nivelar por baixo as capacidades económicas de cada qual tirando as possibilidades de se juntar o capital para as grandes obras económicas que é necessário realizar para enriquecer a todos?

Penso neste momento, por exemplo, nos 150 milhões de toneladas de minério que existem em Moncorvo com 50% de ferro, completamente por explorar, por falta de capital, de iniciativa e, sobretudo, de transportes. Que imensa riqueza nacional a exploração destas minas — uma das melhores da Europa — e a regularização do curso do rio Douro, de forma a permitir o transporte regular e ordenado, por barco, do minério de Moncorvo! Pode fazer-se tudo isto sem capi-

tal? Pode fazer-se sem trabalho? Pois se não pode fazer-se sem ambas as coisas ao mesmo tempo, por que razão havemos nós de teimar na luta? Deixem-me defender o trabalho á vontade. E deixem-me também defender o capital.

Sejam os razoáveis e sinceros. A mim, a sinceridade leva-me a dizer que alguns industriais estão só muito longe de compreenderem os seus deveres, como os operários de terem escolhido o melhor caminho.

Se me disserem, porém, que defendemos sempre os operários, responderemos que é por serem eles os mais fracos e os que precisam, porque os ricos, esses, têm no seu dinheiro a sua melhor defesa. Mas, se fôr preciso, e se o nosso esforço valer de alguma coisa, não tememos defender a justiça esteja ela onde estiver.

**ABEL VARZIM**

d  
S  
d  
F